

## APRESENTAÇÃO

“Com uma tiragem de 500 exemplares, *Nuances* pretende abrir espaço à reflexão e ao debate de temas relacionados à educação”.

Com a informação acima, há 20 anos – precisamente em 1995, o Professor Renê Trentin, então membro do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, informava aos leitores do jornal da cidade – O Imparcial – o lançamento do primeiro número da revista *Nuances*.

Desta data até o ano de 2010, com certa dificuldade enfrentada, publicamos números anuais e impressos, uma frequência necessária a um periódico científico. Recentemente, em 2011, alteramos essa periodicidade para a quadrimestralidade e em formato *online* visando a ampliar os espaços de publicações e debates na área de educação.

Além disso, a revista *Nuances: estudos sobre Educação* tem mantido nos últimos anos, como linha editorial, a publicação de dossiês, previamente definidos, sem prejuízo dos artigos de fluxo contínuo, o que tem assegurado certa heterogeneidade e variedade às publicações. Temos publicado artigos sobre temas específicos (Medicalização da Educação; pesquisa em educação; Políticas e Gestão da Educação, dentre outros) de autores de várias universidades e regiões do país e do exterior.

Atendendo à chamada da Fundação de Apoio à Pesquisa (FUNAPE) – que convidou os Editores de Periódicos brasileiros da Área de Educação, classificados como “B2, B3 e B4” no atual Qualis Periódicos da Capes da área de Educação, a apresentarem propostas de dossiês temáticos em 2014 e 2015 –, apresentamos um projeto editorial com previsão de publicação em 2015. E essa edição deverá tratar sobre o tema “Educação e juventude” com artigos captados no Brasil, na Austrália, na Inglaterra e na Bélgica, garantindo diversidade nas abordagens e riqueza com relação à contribuição de diversas regiões do país e do mundo.

O texto que inaugura esse dossiê “*Classroom Interaction and the development of empowerment*”, de autoria de Malcolm Reed da Universidade de Bristol, Inglaterra/UK, discute a importância da prática pedagógica na efetivação da zona de desenvolvimento potencial dos estudantes e, sobretudo, nos seus aspectos subjetivos. O autor, com base nos escritos de Vygotsky e Leontiev, procura entender o processo de desenvolvimento de crianças e jovens como síntese da socialização de conhecimentos intelectuais humanos e discute a importância de a teoria histórico-cultural apresentar-se na sala de aula, a fim de revelar o potencial de transformação da subjetividade humana, por exemplo, a cooperação e a colaboração dos estudantes.

Ainda refletindo sobre a socialização de jovens na escola, Adrian Van Breda e Lisa Dickens nos apresentam o texto “*Educational persistence and social exclusion among youth leaving residential care in South Africa*”. As autoras refletem sobre a educação como uma das principais chaves para o sucesso na vida adulta e afirmam que na África do Sul, como também em outros países, as conquistas em educação e no trabalho são os maiores desafios dos jovens. As autoras discutem a questão da vulnerabilidade de jovens oriundos de situações assistenciais e sua relação com a persistência educacional e situação de emprego, tendo a teoria da exclusão social como referência para analisar essa vulnerabilidade e, desta forma, contribuir para um melhor encaminhamento educacional de jovens que vivenciam essa situação.

Na esteira da discussão e reflexão sobre o binômio inclusão/exclusão, Michel Born, da Université de Liège, Bélgica, nos convida a refletir sobre o tema no texto “*Des ecoles pour construire une société plus humaine*”. De partida, o autor propõe que em todas as sociedades, independentemente da condição favorável de suas economias, encontra-se um grande número de jovens em situação de exclusão e que vivenciam formas de marginalização econômica, social e identitária, uma vez que a escola não tem tido sucesso em buscar métodos adequados para lidar com essa situação, o que mostra a amplitude global do problema revelando que a sociedade, inclusive a escola, tem se constituído hostil, como um espaço de conflitos e de difícil inserção, sobretudo em decorrência da violência nela imperante.

Refletindo sobre relações e expectativas de adolescentes relativas à escola, Cássia Ferrazza Alves, Jana Gonçalves Zappe, Naiana Dapieve Patias e Débora Dalbosco Dell’Aglío, no texto “*Relações com a escola e expectativas quanto ao futuro em adolescentes brasileiros*”, analisam as percepções de jovens brasileiros sobre as relações com a escola, suas expectativas quanto ao futuro e o desempenho escolar. Em ampla pesquisa de campo, as autoras obtiveram dados que, uma vez analisados, indicaram que os jovens possuem uma visão positiva da escola e de seus professores. Essas percepções são diferenciadas pela idade e pelo desempenho escolar, visto que os mais velhos e com melhor desempenho tendem a perceber de maneira mais positiva as relações com a escola. Esses aspectos também contribuem para diferenças nas expectativas quanto ao futuro dos jovens. As autoras salientam a importância de considerar as percepções dos jovens sobre a escola, pois estas se relacionam com o desempenho acadêmico e com o desenvolvimento psicossocial em um sentido mais amplo.

O texto seguinte, “*Educação e trabalho no contexto de adolescentes brasileiros: reflexões sobre retóricas de erradicação e políticas sociais*”, de autoria de Alex Sandro Gomes Pessoa, Renata Maria Coimbra Libório e Irineu Aliprando Tuim Viotto Filho, traz importantes contribuições para a discussão do tema “trabalho infantil”. Os autores apresentam elementos

que permitem a ampliação do debate e a viabilização de ações condizentes com as necessidades de crianças e adolescentes nessa condição. Também questionam discursos hegemônicos sobre formas de erradicação do trabalho infantil e propõem novas interlocuções entre os programas sociais e os processos de escolarização formal de crianças trabalhadoras.

Essa discussão sobre a inserção no mundo do trabalho é apresentada por Armando Marino Filho sob outro prisma no texto intitulado *“Educação para o mundo do trabalho: alienação da função social da atividade produtiva na formação da juventude”*. O autor nos propõe uma análise da formação da consciência na atividade educativa para o trabalho, enfocando a formação do pensamento sobre a realidade social e da sua produção pelos homens. Fundamenta-se na concepção materialista, histórica e dialética e toma como eixo a formação da consciência e da alienação no processo educativo, compreendendo a juventude na unidade que vai da infância à vida adulta e analisa as implicações da prática educativa para o pensamento na atividade produtiva. As análises giram em torno de como se forma no jovem uma concepção sobre o “trabalho” e como essa forma de pensar permanece no sujeito trabalhador adulto.

Sobre a questão de jovens em conflito com a lei, Solange Serrano, Tânia Fugita e Ivandra Carneiro, profissionais do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, no texto *“Adolescentes em conflito com a lei: reflexões sobre a prática da equipe interprofissional na vara da infância e juventude”*, apresentam algumas reflexões sobre o atendimento de adolescentes em conflito com a Lei, destacando aspectos sobre o trabalho da equipe interprofissional (Psicólogo e Assistente Social) junto aos adolescentes e a suas famílias. Esse texto nos traz algumas contribuições acerca do fenômeno “menoridade”, do trabalho precoce, da evasão escolar, da prostituição infanto-juvenil, da mendicância, da supressão de direitos da família e do jovem infrator, da vulnerabilidade e do risco social, entre outros aspectos. Essa temática é bastante atual e está em evidência no contexto brasileiro, pois diz respeito às representações que a sociedade brasileira tem construído sobre esses adolescentes.

Marcos Vinicius Francisco e Camélia Santana Murgio, continuando a discussão, no texto intitulado *“O papel da escola na trajetória de adolescentes autores de atos infracionais: concepções de professores”*, apresentam uma investigação realizada em uma escola estadual de Ensino Fundamental e Médio de uma cidade do interior do Estado de São Paulo que recebe adolescentes egressos de diferentes unidades da Fundação Casa. Os autores discutem e analisam as concepções de professores sobre esse tipo de estudante e apresentam considerações sobre a falta de reflexões mais sistemáticas na formação inicial desses professores que problematizem a questão dos adolescentes autores de atos infracionais, bem como os motivos que produzem tais situações na sociedade. Todavia, evidencia-se um posicionamento uníssono por parte dos

professores ao desenvolverem uma postura de acolhida com todos os alunos, a fim de não rotulá-los e/ou compará-los.

Do Reino Unido, o autor Michalis Kontopodis, com a colaboração de Nino Ferrin, da Universidade de Berlin, apresenta o texto *“Video games interativos e novas possibilidades para a ação corporal e a imaginação”*, que traz à discussão a questão dos *video games* como possibilidade de atividade corporal e desenvolvimento da imaginação dos jovens, em um momento em que sobe o tom das críticas à ampla difusão dessas novas tecnologias. Os autores apresentam dois estudos de caso de atividade esportiva com o jogo “Nintendo Wii” e discutem que a utilização dessa nova forma de *video games* possibilita aos jogadores reconhecerem suas habilidades e seus limites, uma vez que esse tipo de jogo engendra transformações qualitativas na visão dos sujeitos e também revela interconexões entre o jogador e o *avatar*, entre o corpo e a imagem do corpo, assim como entre imagem e imaginação.

Buscando um enfoque diferenciado, Maristani Zamperetti, *“Refletindo sobre a avaliação no ensino de Artes Visuais a partir do portfólio”*, desperta reflexões sobre as práticas avaliativas no ensino de artes visuais no interior da escola de Ensino Fundamental. A avaliação tem sido um dos “nós górdios” a emperrar os processos de ensino e aprendizagem no interior da escola. Embora muito se tenha escrito e pesquisado sobre as formas de avaliação escolar, a escola ainda tropeça nesse obstáculo – não avalia ou avalia mal o estudante – o que resulta em conflitos e frustração entre quem é avaliado e quem avalia. A autora problematiza questões teórico/metodológicas referentes à avaliação em Artes Visuais, buscando investigar e compreender, de maneira mais aprofundada, quais os sentidos da ação avaliativa do professor de Artes. Dentre outras questões, sinaliza a utilização do portfólio como possibilidade avaliativa de processos artísticos vivenciados em sala de aula, argumentando que a renovação de práticas avaliativas, valorizando os processos coletivos e aspectos individuais de autonomia e criação favorecem o processo de ensino-aprendizagem.

Por fim, abordando tema tão importante como os demais, apresentamos os textos *“Adolescência, educação e suicídio: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural”*, de Nilson Berencheim Netto e Terezinha Martins dos Santos Souza, e o texto *“Acerca da relação entre educação escolar e desenvolvimento psíquico na adolescência”*, de Ricardo Eleutério dos Anjos e Rosiane de Fátima Ponce – que à luz da psicologia histórico-cultural, nos propõem algumas reflexões sobre como as determinações históricas, sociais e culturais interferem fortemente em diversos fenômenos sociais, inclusive no contexto escolar. Direta ou indiretamente, a escola exerce importante papel na trajetória dos estudantes, considerando-se, principalmente, a natureza dos conhecimentos transmitidos formal ou informalmente no contexto escolar.

Como anunciamos no início dessa Apresentação, a *Nuances*, em 2015, completa 20 anos ininterruptos de publicação. Esta não se trata de uma edição comemorativa, mas esperamos brindar com nossos leitores oferecendo os textos aqui anunciados e convidá-los a navegar em nosso endereço eletrônico: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances>>.

Boa leitura!

Alberto Albuquerque Gomes  
Paulo Cesar de Almeida Raboni  
Rosiane de Fátima Ponce  
**Editores**